ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 2, ago./dez. 2025

ENTREVISTAS E DEBATES

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Uma reflexão que transcende a materialidade da arte: diálogos com Carlos Bracher

Tays Torres Ribeiro das Chagas
Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: tays.chagas@ufop.edu.br

Bernardo Almeida Rocha
Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: bernardob.rocha@hotmail.com

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.662*

Recebido: *19 Mar. 2025*

Aceito*: 12 Ago. 2025*

Como citar este artigo: CHAGAS, Torres Ribeiro das; ROCHA, Bernardo Almeida. Uma reflexão que transcende a materialidade da arte: diálogos com Carlos Bracher. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 98–110, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.662. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/662.

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Uma reflexão que transcende a materialidade da arte: diálogos com Carlos Bracher

RESUMO

Carlos Bracher, pintor, escritor e escultor, nascido em Juiz de Fora/MG, em 1940, é reconhecido nacional e internacionalmente por sua arte inovadora. Casado com a pintora Fani Bracher e influenciado por sua família de artistas, encontrou na pintura sua principal forma de expressão, a qual ressalta a importância da sensibilidade humana na arte. Para ele, a criação artística é uma manifestação emocional que busca resgatar a pureza e a liberdade. Bracher acredita que a arte é universal, pois conecta diferentes culturas e tradições, e que a identidade local é essencial para a criação de algo verdadeiramente universal. Em uma entrevista concedida em 2024, ele refletiu sobre a arte como uma tradução da essência humana, capaz de transcender o tempo e as fronteiras e compartilhou suas experiências no campo artístico. A entrevista integrou uma exposição no Festival de Inverno da UFOP.

Palavras-chave: Arte. Ouro Preto. Van Gogh. Ateliê Casa Bracher. Processo Criativo.

A reflection that transcends the materiality of art: dialogues with Carlos Bracher

ABSTRACT

Carlos Bracher, a painter, writer and sculptor born in Juiz de Fora/MG in 1940, is recognized nationally and internationally for his innovative art. Married to the painter Fani Bracher and influenced by his family of artists, he found his main form of expression in painting, emphasizing the importance of human sensitivity in art. For him, artistic creation is an emotional manifestation that seeks to rescue purity and freedom. Bracher believes that art is universal, connecting different cultures and traditions, and that local identity is essential for the creation of something truly universal. In an interview granted in 2024, he reflected on art as a translation of the human essence, capable of transcending time and borders, and shared his experiences in the artistic field. The interview was part of an exhibition at the UFOP Winter Festival.

Keywords: Art. Ouro Preto. Van Gogh. Casa Bracher Studio. Creative Process.

APRESENTAÇÃO

Carlos Bernardo Bracher, mais conhecido apenas por Carlos Bracher, nascido em Juiz de Fora/MG, no dia 19 de dezembro de 1940, é um renomado pintor, escritor e escultor brasileiro. Sua trajetória artística é marcada pela busca constante por expressões inovadoras, o que o levou a ser reconhecido tanto no Brasil, quanto internacionalmente. Casado com a pintora Fani Bracher, o artista é pai de duas filhas: Blima Bracher e Larissa Bracher.

Nesta conversa poética, convidamos o leitor a explorar o universo artístico que permeia a vida de Carlos Bracher, no qual revela-se o que é essencial na formação e na expressão de um artista. Ele compartilha que sua ligação com a arte teve raízes na própria família, que o permitiu viver cercado por músicos, atores e pintores. Foi na pintura que encontrou sua forma de expressão, influenciado por figuras importantes como o tio Frederico e o irmão Décio. Ele também menciona a irmã Nívia, cuja presença inspiradora foi decisiva em sua trajetória.

Desse modo, para Bracher, a arte é uma manifestação profundamente humana, já que, para o artista, todos os seres humanos possuem uma essência sensível, e a arte traduz essa sensibilidade em formas universais. Seja um artesão que trabalha com pedras ou bordadeiras que alinhavam histórias, todos possuem uma identidade artística única a qual contribui para a grandeza humana.

Nessa perspectiva, Bracher afirma que a criação artística, embora simples em sua essência, nasce de uma carga emocional apaixonada. Ele ressalta que o mundo é movido pelas paixões, e que a arte é uma tentativa de recuperar a pureza da infância — um estado de liberdade e inocência.

Além disso, o artista reflete sobre a universalidade da arte, destacando como ela se conecta com diferentes culturas e transcende fronteiras. Ele cita, por exemplo, o impacto das esculturas africanas sobre Picasso e as contribuições dos povos indígenas para a riqueza cultural. Para Bracher, a universalidade da arte começa na identidade local: ser fiel às raízes é o caminho para criar algo verdadeiramente universal.

Nessa linha de pensamento, também reflete sobre artistas como Van Gogh, cuja obra e vida exemplificam a intensidade da criação artística. Para Bracher, a arte é um círculo que se fecha na busca pelo sublime, traduzindo a essência humana em formas que transcendem o tempo e o espaço.

Por fim, a entrevista nos inspira a enxergar a arte não apenas como uma manifestação estética, mas como um testemunho profundo da alma humana e do desejo de transformar o mundo ao nosso redor e de transformar-se repetidas vezes no curso da vida. Esse importante colóquio foi realizado em 23 de setembro de 2024, no Ateliê Casa Bracher, em Ouro Preto/MG, e conduzido pela Prof. Dra. Tays Torres Ribeiro da Chagas, em parceria com o estudante Bernardo Almeida Rocha, ambos do Departamento de Engenharia de Produção (DEPRO) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Este registro transcreve, na íntegra, a entrevista realizada para a gravação de um curta-metragem, o qual fez parte da exposição "**Trabalhar com as mãos: tecendo e pintando histórias**"[1], inserida no Festival de Inverno de 2024, da UFOP. A exposição apresentou um encontro singular entre duas expressões artísticas: as pinturas de Fani e Carlos Bracher e os bordados das artesãs do coletivo Mulheres de ASAs.

[1] Endereço eletrônico para acessar o curta-metragem: https://youtu.be/O0hlAZdWYgU?si=qS_3tZPUais8zQ9t

ENTREVISTA

Tays Torres Ribeiro das Chagas [TC]: Gostaríamos, primeiro, de perguntar para o Carlos de onde vem essa construção de vida em torno da arte.

Carlos Bracher [CB]: Bom, no meu caso, é uma coisa bem específica, eu venho de um mundo familiar artístico, eu venho absolutamente de um decurso familiar assim. O meu avô era violinista clássico, os filhos desse meu avô que são, portanto, meus tios e meu pai também eram todos músicos, cantores, atores, e um deles era violista e pintor, que é meu tio Frederico.

Então, esse meu tio Frederico, trouxe algo novo para essa família, que é a questão da pintura, e, aí, meu irmão mais velho, tem oito anos a mais do que eu, o Décio, ele estudou com esse meu tio. Estudou pintura e, quando chegou na minha idade, assim de definição, nos meus 15/16 anos, eu fui me alocando na pintura. Eu tentei ainda mexer com música, mas não tinha talento nenhum, nada, dó, ré, mi, nunca entendi aquele negócio, é tão difícil, só gênio consegue ler aquilo, uma partitura musical é muito difícil. Aí, eu achei a pintura uma coisa mais simples, mais direto, mais imediato, porque eu acho a música algo extremamente intelectual. Ler aquilo é um negócio de uma maximidade gigantesca, a partitura, a leitura [...].

Bom, como na minha casa, portanto, tinha meu tio, tinha meu irmão com oito anos a mais do que eu, aí eu fui me encaminhando pra pintura, aliás, na verdade, eu e minha irmã, a Lenir. A minha outra irmã, a Nívia, foi a pessoa das mais importantes na minha existência, como pessoa e como pintora também, ela foi um anjo na minha vida, porque ela tinha uma coisa chamada talento. Talento é um algo muito forte, muito específico, muito definidor da coisa artística. Talento é um enigma, ninguém sabe, isso vale pra qualquer área artística.

Agora, o que me parece muito importante nisso tudo são os relevos. A formação de um artista é uma coisa muito linda! Esse processo construtivo de um artista é muito lindo isso, porque é muito pessoal ao mesmo tempo, porque, no fundo, a arte é o homem, é o ser humano, não é nada mais que o ser humano. A arte do ser, do homem, de qualquer homem, todos nós temos arte dentro, porque todos choramos, todos temos dúvidas, temos dores, perdas e alegrias evidentemente.

Então, o conjunto do que somos nós... Isso todos os seres têm, seja daqui no ocidente ao oriente, nós somos iguais. Os cachorros e os gatos têm sentimentos também, porque a arte é uma coisa do sentimento também, é uma analogia... É uma fluência, é uma derivação desses entroncamentos íntimos de que somos feitos, portanto a nossa alma, a alma é o reduto final de que somos, a alma...

Então a arte vai ser... Vai tentar traduzir essa alma sensível, o artista, o que ele é? É apenas um sujeito sensível, ele não é mais do que ninguém, de jeito nenhum, nós somos humanos, todos iguais, felizmente iguais, isso é da espécie humana [...].

Agora a arte é uma coisa muito maravilhosa, porque ela vai erguer, ela vai filtrar, ela vai engrandecer cada um, através do olhar, por exemplo. No caso da música ou da poesia, cada um vai dar o seu testemunho de si, de quem eu sou, cada um fala de si próprio, isso é muito lindo, isso é de uma riqueza universal. E isso vale pra qualquer ser, porque o sujeito, às vezes, é artista e, ao mesmo tempo, é um analfabeto, o que é maravilhoso isso, porque é o sensível, é uma intromissão no sensível do sujeito. Porque, às vezes, o sujeito é isso, é aquilo, fez universidade e não é tão sensível…

O camarada que tá lá, o artesão lá na pedra em Santa Rita, que tá lá labutando com a pedra, coisa linda aquilo né, ele tá se traduzindo ali, o seu amor, a sua verdade, a sua essência, através da pedra, olha que coisa linda, através da pedra, você construir um universo,

diagramas extraordinários, de repensar a vida, um (re)estímulo, (re)olhar pra vida, uma recondução a nós, aquilo que vemos, de repente uma pedra...

Quer dizer, uma obra feita por esse artesão daqui. Isso tudo é arte, isso tudo são vícios transcendentes, aqui que é importante, são vícios transcendentes da possibilidade humana e da grandeza humana, porque essas pessoas que levam esse mundo pra frente, seja através da arte, seja através da intelectualidade evidentemente ou da ciência também. A gente tem que sair desse mundo, o mundo é muito pequeno, de repente, o mundo é muito fraco, muito pífio. Ó pobre mundo... Que grandiosidade esse mundo, quando de repente a gente tem esses olhares, para com o pássaro e para com uma flor, ou para com uma nuvem ou para com uma estrela. Isso é lindo, essa tentativa de transposição desse mundo para uma coisa mágica, a arte é isso! E como o homem, nós devemos ser isso, essa tentativa de saírmos da terra, de vivermos aqui, mas estarmos além disso, e quanto mais além, melhor, quanto mais além é melhor.

TC: Carlos, eu queria te perguntar uma outra coisa... Como acontece o processo criativo? Nós que não temos a arte entranhada, a ponto de sermos artistas, temos essa curiosidade de entender como que o artista cria? Como é o processo criativo? O que se pensa? O que que precisa? Precisa ver uma paisagem, precisa ver um rosto? No seu caso, o que você precisa? Como isso acontece contigo?

CB: Pois é, é exatamente isso, e é tão simples isso, é tão imediatamente simples. Porque se a gente tiver esse corpo interior e anterior de um processo sensível, aí você começa se tornar artista, qualquer pessoa. Você vê o desejo de fazer o artístico, de consignar, de dar a sua digital, de você dar a sua contribuição do seu eu a esse mundo, a esses lindos mundos, você quer pintar, você quer fazer isso, por exemplo... Então isso é uma reação psíquica digamos, emocional, totalmente emocional, tudo é emocional, tudo é emoção, o que move isso é a emoção e a paixão, nós somos frutos das paixões [...].Pra que viver se não temos paixão ou paixões? A gente é um decurso dessas paixões, são nutrientes nossos, psíquicos e espirituais, dentro das composições maiores até complexidades, é uma busca de um sempre, sempre, sempre, enfim dos lugares.

Dentro, você está possuído de (suspiros)... De uma harmonia, de uma contradição, porque tudo é contraditório, não é linear, nada é linear, o linear não existe, na vida não existe o linear... Não pode existir, e muito menos na arte e no pensamento ou nas paixões, não pode ter o linear, são compassos descompassados, porque eles têm cargas de dúvidas... Não é tão simples... Ou então você é uma criança que faz tudo isso com uma liberdade descomunal, porque ela é a própria liberdade, a criança, aí é totalmente diferente... Ela é a liberdade, porque no fundo tudo é um desejo de sermos crianças… No fundo, talvez seja isso. Talvez a arte seja um desejo da própria infância, do nosso imaculado, quando a gente é tudo, a inocência, por exemplo, a pureza. Pode ser que seja isso, que a gente vai se estragando dentro do mundo. No ato de viver, a gente vai se atropelando, você vai se confundindo com idiotices sem nenhuma importância, quando você vê, você se perdeu, você perdeu a criança que havia, é uma coisa impressionante isso.

Agora, o que me fica de muito lindo em tudo isso, é essa questão dessas mulheres, as bordadeiras que estarão com seus bordados na exposição... Olha que coisa maravilhosa, olha que coisa maravilhosa. Isso é muito lindo, porque elas fazem esse trabalho, que é um encanto, uma coisa linda, é exatamente tudo isso que nós estamos conversando, elas são isso, igual o artesão é lá da Pedra Sabão, elas são do bordado. Que coisa linda, linda, linda! E quando elas aqui estiveram com a Fani e comigo, fazendo uma curadoria coletiva, querendo fazer isso,

querendo transpor esses trabalhos nossos em bordados, olha que coisa maravilhosa, somar isso através de um olhar específico de cada uma delas, que coisa maravilhosa isso. Isso é muito bonito né, porque nós viemos na vida só pra somar e, por exemplo, isso aqui é uma claríssima função da soma, quer dizer no caso da pintura da Fani... Que é uma grande pintora.

A Fani é uma grande pintora e com essas meninas, essas moças maravilhosas com seus bordados, alinhavando com a agulha... A agulha é como se fosse o pincel pra elas, elas vão dando as agulhadas e trazendo na própria agulha as linhas, as cores, isso é muito bonito né, muito bonito isso! Essas coisas são sublimes, são da composição humana, do que somos nós? Qual é o nosso destino aqui na terra? Me parece esse, o precioso destino, é isso. Nos enveredamos por esse grande mundo, é um grande mundo, é um grande mundo em todos os sentidos, em todos os tempos...

Desde as cavernas, quando os homens estiveram ali nas cavernas e colocaram as suas mãos ali na pedra, tipo assim "eu estive aqui", isso é muito bonito né, essa necessidade de se designar através da arte, já é em si... O primeiro grito humano. O primeiro grito artístico é nas cavernas, os homens lá estavam já... Até escrevi um texto sobre isso porque eles não queriam ser apenas matadores de bichos, diferente, eles eram homens de um outro pensamento, de um outro destino, de uma outra elevação, de uma insurreição, anunciando o que veio ser a arte...

Isso é muito bonito, a questão disso, desses primeiros homens e dessas primeiras culturas. E isso até hoje. A gente fala do passado, mas pega os indígenas aqui brasileiros... Vai lá... Uma história maravilhosa, todos os índios uma coisa maravilhosa.

Os aborígenes[2] lá da Austrália, os africanos, o grande povo africano, povo maravilhoso, povo artístico, a raça negra é fantástica, você vê isso pela arte... Picasso, já era o grande Picasso, quando ele viu a escultura africana, ele inventou o cubismo, ele mudou totalmente o que era a linha dele meio europeia, pra enveredar por esse canal africano, totalmente diferente. Modigliani[3] também fez isso, mudou a vida... São culturas muito profundas, muito profundas, milenares aqui na terra, eles têm o que dizer.

Você pega a música... Música por exemplo... Música africana é tudo, aqui na América, aqui o samba no Brasil e outras derivações são totalmente africanas, são povos sensíveis. Então isso que é importante, isso que é importante, e são pessoas que estão criando o mundo e o que me parece importante, nós juntarmos essas coisas, essas fragrâncias mundiais... A, B e C, cultura A, B e C, músicas, pinturas e inventar uma nova coisa, um novo sentido, um novo homem (ênfase), de uma outra origem, através da arte. Esses cruzamentos... De lá e pra cá, de cá pra lá, e vale tudo porque nós somos do mesmo reino da terra, nós pertencemos ao mesmo reino humano, da terra, nós somos terrenos [...].

Esses cantares, eles são particulares e intransferíveis, por isso é importante a cultura e o vício da cultura e o aprofundamento da cultura. Tays, isso que eu vejo que você tá fazendo muito bem, você se inserir... Inserir, exaltar e sair... Que há um sair também, porque com a arte você cria um caminho... Um caminho universal, ele é e será universal, mas se você estiver aqui dentro, se você tiver esse passo, o seu meio metro quadro existencial, esse meio metro é tudo.

Nós somos uma equidistância de um meio metro em volta de nós, ali começa o mundo, ali começa o mundo. E isso é muito bonito que eu vejo nos artesãos, porque eles vivem isso

[2] Os aborígenes australianos possuem uma rica tradição artística que inclui pinturas rupestres, cerâmicas e narrativas orais, sendo parte integral da cultura e identidade aborígene.
[3] Amedeo Modigliani (1884 – 1920) foi um artista plástico e escultor italiano.

assim, naturalmente, eles vivem isso e é muito bonito os artesãos, porque isso é absurdamente real deles, eles vivem essa realidade. Eles são demarcados por essa coisa... Isso que você falou, Tays, tão bonito né, que a Pedra Sabão não sai deles né... Uma coisa..., mas isso é muito bonito, eles são a face da Pedra, eles são universais da Pedra, o que há da Pedra Sabão neles? Um entranhamento artístico, isso é muito bonito né, é uma transfiguração artística.

Nós somos transfigurações em qualquer campo possível, nós somos transfigurações e temos que ser, porque senão não seremos nada, coisa alguma, nenhuma identidade a dizer, nenhum conclame a dizer, nenhuma cor a dizer, nenhuma pincela a dizer. Seremos pobres, muito pobres, tristemente pobres em todos os sentidos, porque nós não tivemos a grandeza de uma coisa X, de um estalo, de um verbo, de uma lavra poética que nos possa inundar, a que possamos dizer "eu sou um ser humano". Porque é muito difícil você dizer isso, é muito difícil, eu já tô vivendo há muitos anos por aqui, é difícil se poder dizer isso, nesse sentido mágico e maravilhoso, é muito difícil. Porque a vida nos toma em coisas muito erradas o tempo todo... E essa isenção, essa coisa que tem que ser meio por aqui e totalmente fora daqui...

E um artista como o Van Gogh[4], isso é muito lindo, eu gosto muito do Van Gogh, ele enfrentou essa complexidade da alma dele, da alucinação dele... Ele tinha uma coisa maravilhosa chamada loucura que é uma benção nesse caso, chamada uma obsessão ao inexistente, à liberdade, essa crença pujante na liberdade, mesmo tendo a loucura..., mas ali foi um componente, um componente divino, no caso do Van Gogh foi um componente divino... Que Bach [5]é um divino religioso digamos assim, e o Van Gogh é um divino trágico, mas ambos são duas entidades absurdamente raras no mundo, um esse trajeto da imersão a um além... Você pega Bach, não é possível se ver Bach sem essa dimensão, e Bach morreu anônimo, 80 anos depois que Mendelssohn[6] o descobriu, 80 anos depois, você ver... Morreu anônimo, como Van Gogh também morreu anônimo, mas isso não interessa, não tem a menor importância nada disso, o anonimato... É fantástico isso...

Desses grandes artistas, tô falando desses grandes artistas. Você pega Bach, imagina ele em plena Europa, na Alemanha, no centro da Europa... 80 anos sem ninguém saber desse cara, os filhos se tornaram mais famosos... Bach um grande desconhecido... 80 anos, quase um século, na Europa, mas você vê como são... Van Gogh também, anônimo, durante toda sua vida. Mas são conjuntos de conversas assim e a gente vai explanando, mas Tays, Bernardo e Alexia...e o Léo, vocês são maravilhosos...

TC: Carlos, por que Van Gogh? Porque ele foi e continua sendo, uma forte inspiração pra você? Eu queria que você falasse para a gente...

Bernardo Almeida Rocha [BR]: [...] E você menciona uma conexão profunda e quase infinita com a paisagem que retrata nas suas obras, como essa relação aconteceu ao longo

[4] Vincent Willem van Gogh (1853–1890) foi um pintor pós-impressionista nascido em Zundert, Países Baixos. Produziu mais de duas mil obras marcadas por cores intensas e forte expressão emocional. Embora tenha tido pouco reconhecimento em vida, é hoje considerado um dos maiores nomes da história da arte ocidental.

[5] Johann Sebastian Bach (1685–1750), nascido em Eisenach, Alemanha, foi um dos principais compositores do período barroco. Criou obras fundamentais como O Cravo Bem Temperado e a Paixão Segundo São Mateus. Sua música influenciou profundamente a tradição clássica europeia.

[6] Felix Mendelssohn (1809–1847), nascido em Hamburgo, Alemanha, foi um compositor, pianista e maestro do romantismo. Entre suas obras mais conhecidas estão o Concerto para Violino em Mi menor e a Abertura Sonho de uma Noite de Verão. Teve papel importante na redescoberta da obra de Bach no século XIX.

da sua carreira? De que maneira ela se manifesta nas suas criações recentes e nessa conexão com Van Gogh?

CB: Bom, minha relação com Van Gogh começou quando eu era menino, tinha 20/19 anos. Van Gogh... Nossa... Me enlouqueci! Achei, digamos, tem uma parábola, achei meu Jesus Cristo (risos). Isso tudo que eu tô falando, sempre pensei nessas coisas e quando Van Gogh surgiu para mim... Nossa... Van Gogh me deu assim, um caminho, ele me deu uma identidade de tipo assim, "vá por aí", tipo assim eu imagino, "acredite nisso", porque quando a gente tá começando a gente tem que acreditar, principalmente no início, em coisas mais claras, depois disso a gente vai reinventando, mas no início é muito difícil, é muito difícil todo o início, mas o Van Gogh... Aí quando eu vi as obras de Van Gogh, eu tive essa identidade da pincelada.

TC: Essa influência de Van Gogh foi bem no início da sua relação com a pintura?

CB: Sim, bem no início... Tem quadros meus que já estavam muito naquela linha do Van Gogh já. Então ali, Van Gogh me deu a senha... Aí assim, também depende da leitura que se pode ter das coisas, a leitura que eu tive naquela época com 20 anos foi essa de uma coisa meio trágica, bela e trágica, entende? Bela e trágica, não é só bonito não, você tem outras formas de beleza, uma coisa é o bonito, outra coisa é o belo, há uma diferença...

O bonito às vezes é pouco, você tem que ir no belo, é uma coisa mais dura, mais difícil... Mais terrível... E Van Gogh me deu isso "você pode ir no terrível que é o caminho". Primeira vez que tô falando isso, primeira vez, ele me deu a senha do terrível, tipo "vai pelo terrível" e eu falo "vou pelo terrível". Eu era muito diferente do que sou hoje, eu não falava, não conversava, já falei isso pra você, Tays. Era um chato, era muito pra dentro, mas ali talvez era o meu eu pintor... Na verdade eu era muito bicho do mato assim, um cara meio incomunicável, meio fechado, mas... A gente vai mudando com o tempo, o importante é ser... Cada momento a gente vai sendo aquilo e tal, se é não dizer nada tá perfeito, não fala nada, sei lá... Tudo é muito complicado né, mas enfim, o processo artístico é muito... Digamos assim… É uma coisa espiral também, a gente vai mudando, mudando, mudando, mas eu gosto mais quando eu era mudo, acho que era melhor, acho que eu era melhor pintor. Não falava nada...

TC: Por quê?

CB: Eu não sei, não sei... Era um processo muito do silêncio, muito do silêncio, total silêncio, não dava uma palavra. Porque também... Muitos fatores, muitos momentos, isso e aquilo, e acho que a gente tem que ouvir muito, acho que a sensação de emoção é uma sensação muito sem fala.

É engraçado, às vezes eu penso nisso. O silêncio, silêncio, silêncio... Hoje eu falo, mas eu tenho saudades de quando eu não falava, entendeu? Acho que eu era mais pintor quando eu não falava, eu fico vendo os quadros meus de quando... Dramático... Mas enfim, o fato é que a gente é o que é, nós somos o que somos, cada um vai achar a sua linguagem, o seu nicho essencial, isso e aquilo. E volto a dizer, a gente muda, eu era um e agora sou outro, mas tudo é muito lindo, tudo é muito lindo, os tempos, as eras, as lembranças, isso também é muito bonito, os espaços não idos, as coisas meio que contemplativas, é muito bonito, a vida é uma coisa muito bonita né?!

Então tudo isso vale, isso tudo se sedimenta, a nossa alma na nossa organicidade de quem nós somos. Nós somos um eu em construção de segunda a segunda, de minuto e de segundo, somos construídos... Somos construídos, demos as mãos, acho que é importante isso, as mãos com os seres e as mãos com o mundo também, com as coisas, com a totalidade... Elos alucinatórios e sublimes da nossa condição de viver, são elos, centelhas que a gente vai

colhendo, vai observando, uma luzinha ali... Às vezes uma luzinha ali já é tão importante, já é tanta coisa uma luzinha e já é tudo lindo.

Bom, mas enfim, voltando a essa pergunta que também é importante, de Ouro Preto, essa minha relação com as igrejas, essa minha relação com o barroco... Aqui uma coisa importante, quando eu vim pra cá em 64, 1964, a minha irmã e eu viemos aqui em 64 pintar, nós tínhamos ido em 62 em São João del Rei primeiramente, ficamos 3 meses em São João del Rei, alugamos uma casa lá, não tínhamos nada nada lá, nem um móvel, uma cadeira, uma cama, não tinha nada, compramos dois colchões e ali ficamos 3 meses, foi a coisa mais linda da minha vida, minha irmã e eu ficamos 3 meses lá, coisa linda. Depois dali, alugamos outra casa em Tiradentes, ficamos 1 mês, isso em 62 e aí em 64 viemos pra Ouro Preto, aí puxa... Nossa Senhora, fiquei impressionado, não podia imaginar que houvesse isso, uma cidade tão linda e maravilhosa quanto essa aqui, aí me apaixonei e tal. Ficamos aqui muitos meses em 64 e é justamente isso, é a beleza dessa cidade, a beleza, a claríssima beleza, essas igrejas aí, são igrejas de padrão internacional, essa igreja que tá aqui ao lado, 50 metros daqui do Ateliê, é padrão internacional, a de São Francisco de Assis é padrão internacional. Você tem de repente aqui, o melhor do mundo e com a cultura brasileira, isso que é muito bonito, uma cultura brasileira elegida aqui com artistas brasileiros, o Aleijadinho, o Ataíde [7], os músicos maravilhosos que eram todos negros né, músicos barrocos maravilhosos, uns 8 ou 10 músicos, a poesia, a Arcade Mineira[8]... Então aqui... É inacreditável... Tanto é, que aqui é patrimônio cultural da humanidade, não é um lugar qualquer, isso aqui é patrimônio cultural da humanidade, isso aqui tem o mesmo título que tem Veneza por exemplo, uma cidade do mesmo nível, do mesmo título que tem Veneza.

E umas das principais coisas, que são as igrejas evidentemente, aí pintar as igrejas, os montes, os morros e céus e passado e presente e dramática. Fazer isso que eu já fiz em vários momentos, meu primeiro momento aqui, teve uma dramaticidade terrível e depois... E aí... Depende do dia e da hora e vai mudando, mas... Com o quanto isso aqui é um manancial artístico, poético, na cara da gente, de uma beleza inacreditável, você vê tudo isso aqui milhares de vezes e não se cansa porque é belo. Igual você vê a noite estrelada do Van Gogh, você mil vezes e mil vezes vai ficar emocionado ou a Monalisa, você vê a obra de Leonardo da Vinci, você vê a capela sistina de Michelangelo, você se emociona mil vezes porque é impressionante. Você ouvir a "Paixão Segundo São Mateus" ou ouvir a nona sinfonia de Beethoven, você vai se emocionar mil vezes porque é de uma beleza colossal aquilo, absolutamente colossal, porque ele é divino, é diferente. Não é religioso não, é divino, é totalmente diferente, aqui são feitos divinos por homens iguais a gente, que por uma condição ou outra chegaram em níveis inacreditáveis e, portanto, divino [...].

São coisas assim de uma altitude, a mais elevada possível do que pode se conceber como arte, o mais elevado possível, o Cartola né, isso é lindo, "As rosas não falam, as rosas exalam o perfume que falam de ti" (suspiro), você vê um cara analfabeto fala um negócio desse, acho que nem Shakespeare não é muito melhor... Então isso é muito lindo, isso é da condição humana, do ser, do olhar e da paixão, isso tudo é um ato da paixão, a arte é a paixão. Não teria nem uma palavra mais sintética do que seja a arte de que seja a paixão, a paixão de tudo, a paixão de uma transfiguração, uma transfiguração e, portanto, me fica muito cada vez

[7] Manoel da Costa Ataíde (1762-1830) foi um pintor brasileiro que se destacou na pintura de forro das igrejas coloniais, especialmente a Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Ele é reconhecido por suas contribuições ao Barroco mineiro, integrando elementos europeus e brasileiros em suas obras.

[8] Movimento literário do século XVIII em Minas Gerais, influenciado pelo neoclassicismo, conhecido por autores como Tomás Antônio Gonzaga.

mais claro de que a arte seja um ato divino, querendo dizer que não tem nada de religioso, religioso é uma facção... Divino é tudo, nós somos divinos evidentemente [...].

TC: Vai de encontro com o que você estava falando agora, o que é a arte para você? O que é a arte para o Carlos Bracher?

CB: Ai meu Deus do céu. Eu acho que pra mim, você me perguntando isso... Eu acho que é meio tudo que eu fui falando aí... Enfim... Ou aquilo que eu falei também aí nas falas aí pra trás... Ou é isso de falar... Volto a dizer... É muito interessante isso... Acho que assim, a gente tem que tentar... Digamos... Resolver essa questão da vida, de mexer com arte... É problemático, é sim, as vezes é muito problemático... Ou é simples... Ou é muito simples ou é muito problemático ou as duas coisas juntas né. Mas o que me fica é que alguma coisa a gente tem que fazer né, a gente não pode ficar inerte, é diferente... É diferente... Existe o silêncio, que é uma coisa, outra coisa é a inércia, inércia não é nada, a gente tem que achar um caminho possível, assim... Motriz, em movimento, de uma organização que nos possa envolver e com a qual a gente possa conversar com a gente mesmo, de como resolver. Porque as vezes é o silêncio, as vezes é a fala, as vezes é o recuo...

Mas o fato é o seguinte, da inércia, nós não podemos ser inertes, nós temos que ser lúcidos o tempo todo, nós temos que ser claros, lúcidos, evidentes, não vaidosos... Vaidade não... Nós temos que ser claros e lúcidos e tentar entender, inundarmos de sensações e de poéticas saudáveis, reativas, humanas, sensoriais, pra que a gente possa fazer disso uma coisa qualquer.

Nós somos o produto de muitas coisas, muitas e muitas coisas, muitas gentes, muitas memorias, muitos fragmentos que nos compõe. Nós somos compostos de mortos e vivos que nos deram à luz, dar à luz é dar o tempo todo, não é só no nascimento não, nós temos que ser originários de muitas luzes, nós temos que ser providos de muitas luzes, incalculáveis luzes, como do nascer, do primeiro dia que viemos ao mundo, nosso primeiro grito, primeiro choro, quando abrimos os olhos pela primeira vez [...].

Esse olhar da compaixão, anuência de trazer as coisas, de beber essas coisas todas né, o mundo, as pessoas, como nós podemos viver sem as pessoas? Como pode né, nós somos uma coisa só, nós somos uma irmandade evidentemente, se a gente não tiver essa noção a gente é um estupido, um ignorante, um boçal, um desumano. Esses são os alimentos nossos e reais alimentos são as pessoas meu Deus, e todas as pessoas são os nossos alimentos, reais alimentos. Aprendemos com as pessoas, as pessoas que são nossos mestres. Que bom ter isso, olha a infinidade de gente que são nossos mestres e como cada um... Puxa vida, meu Deus... E principalmente as pessoas simples, são como mestres essas pessoas, que coisa linda, a vozinha com netinho... Meu Deus é de chorar, puxa vida. Então aprendemos com essas pessoas porque eles são nossos pares. Se eles são tão maravilhosos, nós também podemos ser, chegar um pouco a sermos maravilhosos como essas pessoas, são reais mestres, não da ficção, do dia a dia. A vida é uma coisa muito linda...

TC: Carlos, você começou a falar, e aí eu me lembrei… Tem um trecho de um livro do Fernando Sabino, "O menino no espelho". O primeiro capítulo fala do encontro entre um menino e um velho desconhecido. No primeiro capítulo, o leitor está na posição do menino e no último, o leitor está na posição do velho e eles se dão conta de que o menino e o velho são a mesma pessoa. Essas passagens de lembranças e ensinamentos mútuos, falam da jornada da vida né?!

CB: É, pois é, mas é verdade! Bom que eu falei um pouco, mais ou menos. Tem essas questões, essas parábolas, é assim, eu concordo sim, Tays, a gente é um lá e um cá. A gente tá lá longe e tem que vir cá, e a gente ter que vir sempre aqui na criança nossa... Eu acho importante isso, a gente não perder esse elo entre nós, o nosso pequeno nós e o nosso grande nós... Que era maravilhoso e que a gente vai... Um pouco talvez... Nessa fala do Fernando... Eu vou lá e volto, é um vai e vem né, que vai se construindo...

TC: Que vai se construindo, exatamente...

CB: [...] que vai se construindo e são metáforas, metáforas reais do consentimento, essas idas e vindas, vindas e idas, e o tempo todo essa coisa mágica, mágica, de lá e de cá, e vai e vem, não tem tempo, nem espaço e nem idade. Porque o velho vai se tornando criança também, uma coisa interessante né, o velho vai se tornando criança...

TC: Acho que no sentido da liberdade, né?!

CB: Liberdade, é, é verdade...

TC: Ser criança é isso. O que que importa pra criança?

CB: Nada, absolutamente.

TC: O que importa para a criança, né?! Apenas ela ser o que ela é. Não importa nada, o olhar do outro, o que o outro está pensando. Não importa nada, e eu acho que no avançar da idade a gente também vai fazendo isso.

CB: É, é, eu sei, é muito lógico isso e é muito bonito isso. É muito linda essa questão do intercâmbio do velho e do novo, do velho e da criança, é muito bacana. E isso é geral, e é lindo isso, é muito bonito isso.

TC: Eu acho que a coisa mais bonita... A mais bonita não, mas uma das coisas mais bonitas da arte é que ela nos atravessa de várias formas. A música, por exemplo, é isso. Você escuta Pavarotti e pode não compreender a letra, mas aquela melodia te toca, te atravessa e você se emociona.

CB: Ou às vezes tem letras e tal ou às vezes não tem letra nenhuma, e nos toca de qualquer maneira. E são eternas, isso que é bonito, isso que é lindo, uma nona de Beethoven, todo mundo no mundo inteiro fica maravilhado, não é só o A ou B, todo mundo, isso é lindo. Dizem que até as vacas ficam maravilhadas, e dão mais leite quando ouvem música clássica, por exemplo, ou músicas né. Mas é interessante né, olha que coisa, uma coisa que entra em outra estratosfera da condição artística, da arte transferir sensações fantásticas para cada indivíduo né.

TC: Quando você escuta Bach para começar a pintar, a impressão que temos é que a melodia te leva para um outro lugar. Uma conexão entre alma, arte e o processo criativo. O artista ali, imerso no seu processo de construção, vai se (re)conhecendo na obra criada, se imortalizando e forjando uma conexão profunda com a sua própria arte e identidade.

CB: Outro mundo, mas leva mesmo, na hora, na hora.

TC: A arte é isso, transcende?

CB: Sim, é, é o grande diálogo isso é a grande validade porque ela transcende mesmo, ela tá aí é pra isso. Sem querer ou querendo, ela é isso, de levar o que você leu, viu, escutou,

pra um outro lugar, e outros lugares. E você quer mais? Olha que oferta é isso, custo zero (risos). Isso é lindo, aquilo é uma dádiva pra todos, não é para A, não é pra B, é pra todo mundo.

TC: Em relação à pintura, a gente fica aqui contemplando, olhando para os lados, observando cada um dos seus quadros que estão aqui...

CB: É, por isso... Aí voltando a questão da cultura, por exemplo, de levar as coisas... Questão de festivais, isso, música... Pras pessoas, pros pobres, pras nações, pros lugares, hoje a gente está vendo claramente a necessidade disso né.

TC: Em relação à exposição que será realizada em outubro no Museu Casa dos Contos, qualquer pessoa que passar ali vai olhar e falar "mas nossa que obra linda, quem pintou, quem bordou deixa eu ver", e aí ela vai se adentrando em outro mundo. A sensibilidade com a arte não está relacionada com um saber prévio, acadêmico… pode tocar todo mundo.

CB: Tem um mistério nisso aí...

TC: Tem um mistério. Eu acho que a maneira como apreciamos e somos atravessados pela arte é muito singular, assim como cada um de nós somos e estamos, sempre, em constante transformação!

CB: É, é verdade, o tempo todo, o tempo todo, isso é... Tudo vai mudando, a gente muda, a forma como olhamos a obra muda, a própria obra nos muda, nos transforma… Um quadro vai mudando a gente, um quadro X de qualquer pintor, a música vai mudando a gente, a poesia vai mudando… Porque a gente muda, cada hora vai mudando. Então isso tem outros prazeres, outros prazeres cada vez maiores, essas mutações de prazeres vai mudando, vai mudando, isso é genial, não é uma coisa estatica, não te leva ao mesmo lugar, te leva a lugares renovados, de prazeres renovados. Isso é muito bonito, muito bonito, eu sei que, de verdade, eu acho um grande mundo esse das artes, ó grande mundo né.

TC: Conversar com você, Carlos, é uma grande transformação?

CB: Não, não. Imagina, não é nada não.

TC: A gente sai daqui com um outro olhar para o mundo, para as coisas, é uma explosão de possibilidades de reflexão.

CB: Isso tudo somos nós. Pois é, pois é, mas a gente tá aí é pra isso, a gente tá um com outro... A vantagem é que nós estamos nesse mesmo segmento, isso é maravilhoso. Tem gente que ainda, coitado, não achou segmento nenhum, nenhum, isso é muito triste porque quando você abrir os olhos já tá no fim da vida, e ele perdeu a vida, ele não tem mais caminho, ele não tem nem força pra recomeçar ou pra começar né. Por isso, que volta a questão da cultura, é importante democratizar para que outras pessoas possam absorver isso, inundar isso...

TC: Democratizar, né?!

CB: Exatamente, democratizar isso, por exemplo uma exposição, é isso que você, Tays, está fazendo, democratizando a arte e oportunizando acessos, para que cada um possa ir lá, A, B, C, D e é isso.

TC: Tenho algo aqui, do Fernando Sabino, que é super bonito, e me deixa ler pra vocês, porque a gente está numa conversa poética. O Fernando Sabino, no livro Encontro Marcado, fala assim: *De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.* Eu acho que esse precioso encontro com o Carlos, hoje, é uma pausa, uma interrupção do mundo lá fora, desse mundo que nos coloca num lugar comum, num senso comum. Hoje, saímos daqui atravessados pela arte da pintura e pelas reflexões provocadas por você, Carlos. Obrigada, Carlos, por esse encontro maravilhoso.

CB: Que maravilha! A vida no fundo é um encontro, são muitos encontros, encontros, encontros.

TC: Encontro de saberes, de olhares...

CB: Saberes, exatamente, de olhares, de nuvens, de êxtases, de brumas, pôr de sois, é isso, sensações. A vida me parece... Isso mesmo, encontros, é importante os encontros... Aleluia, aleluia!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Carlos Bracher por nos receber, em seu Ateliê, para a entrevista e gravação do curta-metragem sobre sua história e processo criativo.

Editores do artigo

Alex Lara Martins, Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva